

TENSIVIDADE NA AUTOBIOGRAFIA: *O QUE É ISSO, COMPANHEIRO?*

TENSIVITY IN AUTOBIOGRAPHY: *O QUE É ISSO, COMPANHEIRO?*

Rafaela Mathias¹

Universidade Federal de São Carlos

Resumo: O presente trabalho propõe uma reflexão sobre a relação entre a literatura brasileira e o regime militar, considerando que a produção literária se consolidou como um importante meio de denúncia e interpretação crítica dos acontecimentos que foram silenciados e modificados pelo discurso oficial durante a ditadura. Para esta análise, foi escolhida a obra *O que é isso, companheiro?* (1996), de Fernando Gabeira, uma autobiografia que relata a trajetória do narrador como militante da luta armada, sua participação no sequestro do embaixador norte-americano, sua prisão, tortura e posterior exílio. Utilizaremos como teoria norteadora a gramática tensiva e os conceitos de acontecimento e exercício (Zilberberg, 2007), bem como o de campo de presença (Fontanille; Zilberberg, 2001). Analisaremos como os objetos entram no campo de presença do sujeito do narrado e modificam sua vida, pois a gramática tensiva permite identificar como o texto mobiliza diferentes regimes de sensibilidade, revelando oscilações afetivas que moldam a compreensão do sujeito sobre os fatos vivenciados.

Palavras-chave: semiótica; literatura; ditadura militar; gramática tensiva.

Abstract: This article proposes a reflection on the relationship between Brazilian literature and the military regime, considering that literary production became an important means of denunciation and critical interpretation of events that were silenced and reshaped by the official discourse during the dictatorship. For this analysis, the work *O que é isso, companheiro?* (1996), by Fernando Gabeira, was selected—an autobiography that recounts the narrator’s trajectory as a militant in the armed struggle, his participation in the kidnapping of the North American ambassador, his imprisonment, torture, and subsequent exile. The theoretical framework is grounded in tensive grammar and the concepts of event and exercise (Zilberberg, 2007), as well as the notion of field of presence (Fontanille; Zilberberg, 2001). The analysis examines how objects enter the field of presence of the narrated subject and transform his life, since tensive grammar allows for the identification of how the text mobilizes different regimes of sensibility, revealing affective oscillations that shape the subject’s understanding of the experienced events.

Keywords: semiotics; literature; military dictatorship; tensive grammar.

Submetido em 14 de janeiro de 2026.

Aprovado em 18 de maio de 2026.

¹ Mestranda na UFSCar. E-mail: rafa.mathias08@gmail.com

Introdução

A ditadura militar no Brasil iniciou-se com o golpe de 31 de março de 1964, que resultou na deposição do então presidente João Goulart. A alegação utilizada para justificar a ação foi a de que o golpe livraria o país da corrupção e do comunismo, restaurando a ordem democrática. No entanto, como destaca o historiador Boris Fausto (1994), logo após o golpe, os comandantes das Forças Armadas — Exército, Marinha e Aeronáutica — promulgaram o Ato Institucional nº 1 (AI-1), que promoveu alterações significativas na Constituição de 1946 e no funcionamento do Congresso Nacional. Dali em diante, outros atos foram institucionalizados e cada vez mais os militares utilizavam a censura como principal medida, as pessoas não podiam criticar o governo; livros, músicas ou qualquer forma de expressão que insinuasse alguma crítica social ou política ao regime eram censurados, e seus autores corriam o risco de prisão e tortura. Muitos dos que foram detidos sofreram torturas brutais, outros tantos foram mortos. Até hoje, há inúmeros casos de pessoas desaparecidas durante a época. No entanto, apesar da forte censura, muitos autores usavam a literatura para denunciar as atrocidades cometidas durante a ditadura. Através da escrita, era possível denunciar — mesmo que de maneira disfarçada — e informar o que de fato estava ocorrendo no país.

Com a revogação do Ato Institucional nº 5 (ato responsável por intensificar ainda mais a censura), em 1979, inicia-se um período marcado pela esperança trazida pela abertura democrática. Como descreve Pellegrini (1987, p. 43), é o momento em que “começam a se abrir as gavetas, a se descerrar armários, a se vasculhar prateleiras, a se escancarar portas e janelas, procurando, perguntando, querendo saber”. É nesse contexto que emergem diversas autobiografias, entre elas *O que é isso, companheiro?* (1979), de Fernando Gabeira, que, assim como outras narrativas da época, busca expressar o indizível — experiências traumáticas, profundas e sombrias vividas durante o regime autoritário.

A escolha desse corpus se justifica pelos múltiplos sentidos que estabelece entre a literatura brasileira e o regime militar, possibilitando uma leitura crítica das tensões históricas e sociais desse período. Considerando que através da literatura podemos ter acesso à memória de um país e de uma época. *O que é isso, companheiro?* (1996) oferece uma perspectiva singular sobre a ditadura militar brasileira, ao articular vivência pessoal e acontecimentos históricos marcantes, como o sequestro do embaixador americano, contribuindo para o resgate de vozes silenciadas e para a preservação da memória coletiva, a fim de que o que outrora aconteceu não se repita.

1. Apresentação da obra *O que é isso, companheiro?*

A autobiografia *O que é isso, companheiro?*, de Fernando Gabeira, foi publicada pela primeira vez em 1979. A obra narra os acontecimentos vividos por Fernando Gabeira, identificado como o enunciador pressuposto pela obra, o narrador e o ator central do narrado, um jovem jornalista, na cidade do Rio de Janeiro. Acompanhamos a vida de Gabeira desde a sua entrada em um grupo de extrema-esquerda da guerrilha urbana, sua fuga, prisão e exílio. A narrativa se desenrola em três momentos distintos, o engajamento político de Gabeira, sua participação no sequestro do embaixador dos Estados Unidos e as consequências dessa ação, incluindo sua prisão, tortura e exílio.

O início da narrativa se dá no Chile, pós-golpe de estado de Pinochet: “estava caminhando em pleno mês de setembro em uma rua chamada Irarrazabal, em Santiago do Chile, quando pela primeira vez viu um caminhão passar cheio de cadáveres” (Gabeira, 1996, p.9). Gabeira reflete que essa é a mesma situação em que o Brasil esteve, quando a ditadura militar foi instaurada devido ao golpe militar de 1964, no qual o então presidente João Goulart, eleito democraticamente, foi destituído de seu cargo. A partir daí vemos o desenrolar dos fatos que sucederam após os militares tomarem o poder do Brasil. Houve uma progressiva diminuição dos direitos civis e a liberdade de expressão passa a ser severamente restringida. Gabeira, um jovem na época, trabalhava em dois empregos, um trabalho era no Jornal do Brasil e o outro no Panfleto, semanário da ala esquerda do PTB (Partido Trabalhista Brasileiro). Mesmo jovem na época, Fernando Gabeira nunca deixou de defender seus ideais de uma sociedade mais justa e humana. Ele próprio reitera que um trabalho era para “ganhar dinheiro” e o outro para “trabalhar de acordo com suas ideias”, como é possível observar no seguinte trecho:

Num trabalhava de acordo com minhas ideias e, no outro, trabalhava para ganhar dinheiro. Isso é ótimo para um depoimento retocado. Na verdade, havia outro interesse, um pouco mais baixo, mas importante também: o jb pagava por mês e o Panfleto, dirigido por amigos, dava alguns vales que permitiam que fôssemos tocando o barco cotidiano (Gabeira, 1996, p. 3).

Mesmo com o regime cada vez mais cruel, Fernando Gabeira e seus companheiros, jornalistas membros de organizações de esquerda, passaram a editar jornais e distribuí-los na clandestinidade. A partir da visão dele da época, temos acesso ao endurecimento do regime,

principalmente após o decreto AI-5, em 1968. A censura e a repressão tornaram-se cada vez mais pesadas, com cada vez mais prisões e mortes.

É a partir daí que vemos a aproximação de Gabeira ao movimento estudantil, principalmente após a morte do jovem Edson Luís no Calabouço e as passeatas pela liberdade e pelo fim do regime militar na Av. Rio Branco. Depois desses fatos, diversos jovens adentraram em movimentos de guerrilha urbana, inclusive Gabeira, que deixou seu emprego no Jornal do Brasil e entrou para o movimento de resistência armada à ditadura, integrando o grupo Dissidência Comunista da Guanabara – originado de uma cisão do Partido Comunista Brasileiro. Posteriormente nomeado de Movimento Revolucionário Oito de Outubro (MR-8), é um grupo de resistência que defende a luta armada para combater a ditadura. Para explicar essa adesão ao movimento, o narrador narra toda a repressão policial e o modo ineficaz do governo Goulart frente aos militares. Essa decisão de entrar para grupos de esquerda movia centenas de pessoas em todo o país

O ponto de virada da narrativa é quando Gabeira, junto ao grupo de luta armada, decide sequestrar o embaixador norte-americano, Charles Elbrick, em 1969, com o objetivo de trocá-lo pela libertação de prisioneiros políticos. Após quinze dias de seu sequestro, o acordo é selado, o governo aceita libertar 15 militantes em troca do embaixador norte-americano. Os presos são libertados e enviados ao exílio no México. No entanto, apesar da ação do grupo ter sido bem-sucedida, nas semanas seguintes boa parte dos participantes foi presa, torturada e alguns assassinados pelo Estado. Gabeira consegue fugir, mas para se livrar da cadeia fica foragido por um tempo. Ele relata sua passagem por São Paulo, tendo que trocar de casa em casa e viver na reclusão, até que em um dia, ao sair de casa, é encontrado pela polícia, ocasionando uma perseguição policial.

Saí para a água tônica, certo de que estava colhendo um número maior de dados, que fecharia o aparelho e talvez pudesse até voltar quando passasse a onda. Andei uns vinte metros e a rua foi tomada pelas camionetes da polícia. Vinham na direção contrária à minha e senti que me viram. Não havia como correr naquele momento, mas, sim, tentar prosseguir e começar a correr somente quando parassem. Caso ainda tivessem dúvidas sobre mim, a corrida ia dissipá-las imediatamente. Nem sequer chegaram a parar: do carro em movimento saltaram alguns homens armados de revólveres e metralhadoras. Um deles, creio, tinha uma pistola Maltzer 765, que parecia também uma metralhadora. Comecei a correr, mas fui bloqueado pelo carro que, depois de dar a volta, com muito mais velocidade que eu, conseguiu me cercar. O chefe da operação apontava o revólver para mim e dizia: "Não se mova, filho da puta (Gabeira, 1996, p. 76).

Gabeira é atingido por uma bala no estômago, ocasionando a sua captura. A princípio ele é levado ao Hospital das Clínicas, onde passa alguns dias até sua recuperação e

posteriormente à prisão. Durante a prisão, acompanhamos a descrição de suas experiências, sofrendo e presenciando torturas, interrogatórios violentos, deslocamentos de uma prisão para outra e a situação desumana à qual os presos são submetidos.

Em 1970, o governo militar aceita trocá-lo, junto de outros presos políticos, pelo embaixador alemão sequestrado em uma nova ação da resistência. Exilado, ele passa por diferentes países, como Chile e Suécia.

Ao longo da narrativa, é possível acompanhar a dor, angústia e vários questionamentos do narrador, que se vê reflexivo a respeito dos métodos utilizados pela resistência e da viabilidade de seus ideais revolucionários. No final, ele acaba percebendo que ser revolucionário também impunha limitações e desafios éticos. A obra aponta para um futuro em que a luta se daria por outros meios, como a participação democrática.

Após a prisão e o exílio, Fernando Gabeira publica, em 1979, uma autobiografia em que o personagem-narrador revisita sua militância e reconhece que o imperativo da ação, embora legítimo, conduziu a impasses éticos e políticos, abrindo espaço para a defesa de outras formas de luta, como a participação democrática.

2. Tensividade em *O que é isso, companheiro?*

Para analisar a autobiografia *O que é isso, companheiro?*, nos apoiaremos na teoria semiótica tensiva, especialmente nos conceitos de *acontecimento* e *exercício* (Zilberberg, 2007), além da noção de *campo de presença* (Fontanille; Zilberberg, 2001). A partir dessas ideias, nosso objetivo é examinar como os movimentos e ações da ditadura militar e dos militares afetam de maneira sensível e perceptiva o *campo de presença* de Fernando Gabeira como ator do narrado.

Para isso, começamos explicando o que se entende por *campo de presença*, conceito que dialoga com a fenomenologia de Merleau-Ponty. Esse campo representa o espaço no qual o sujeito percebe algo — ou seja, é onde ocorre a experiência perceptiva entre sujeito e objeto. Como afirma Merleau-Ponty (1999, p. 357 apud Prado, 2013, p. 74), trata-se de um campo que se estende tanto no espaço (aqui e ali) quanto no tempo (passado, presente e futuro). Já a noção de *presença*, segundo Greimas e Courtés, refere-se a tudo aquilo que se torna objeto de conhecimento para o sujeito:

[...] uma determinação atribuída a uma grandeza, que a transforma em objeto de saber do sujeito cognitivo. Tal acepção, essencialmente operatória, estabelecida no quadro teórico da relação transitiva* entre o sujeito do conhecimento e o objeto cognoscível, é muito ampla:

estão presentes, neste caso, todos os objetos de saber possíveis e a presença identifica-se em parte, com a noção de existência semiótica (Greimas; Courtés, 2008, p. 382-383).

Na perspectiva da semiótica tensiva, porém, essa presença também envolve a percepção sensível. Os objetos percebidos pelo sujeito são avaliados de acordo com dois critérios principais: *intensidade* e *extensidade*. A *intensidade* está ligada à força com que o objeto é percebido — mais ou menos intensa — e se associa ao campo dos afetos, pois envolve variações na velocidade (andamento) e na força da sensação (tonicidade). Já a *extensidade* se refere à dimensão espacial e temporal dessa presença, ou seja, ao modo como o objeto se inscreve no tempo e no espaço, sendo mais ligada ao campo do inteligível. Ela está ligada à compreensão do sujeito sobre o que adentra o seu *campo de presença* e à extensão desse campo.

Já o *acontecimento*, segundo Zilberberg (2011), é algo que rompe com a continuidade da experiência — um fato inesperado e fora do comum que invade repentinamente o *campo de presença* do sujeito, gerando surpresa e alterando sua percepção do tempo e do espaço. Esse tipo de evento provoca um aumento rápido e exacerbado da intensidade, o que acelera a velocidade da experiência e eleva a tonicidade ao máximo. Por ser imprevisível, o acontecimento toma completamente o sujeito e provoca, no plano do inteligível, uma espécie de paralisação do tempo e supressão do espaço.

Em oposição a isso, o *exercício* é um tipo de experiência mais estável e previsível. Nesse caso, o sujeito já espera a chegada do objeto, o que torna a percepção mais lenta e sem impacto emocional significativo. A intensidade é baixa, e a extensidade — o tempo e o espaço envolvidos na experiência — é mais ampla. Trata-se, portanto, de uma situação em que o sujeito está preparado para o que ocorre e pode compreender racionalmente o que se passa de forma lenta e átona, a partir do inteligível.

Figura 1. O acontecimento e o exercício



Fonte: Adaptado de Zilberberg (2007, p. 19).

O sujeito que vive esse acontecimento é um sujeito da afeição, ele não é um sujeito que age, mas sim aquele que sofre seus efeitos e suporta-os.

A partir desses conceitos, desenvolvemos uma análise introdutória do percurso do ator do narrado Fernando Gabeira, no romance *O que é isso, companheiro?* (1996), a qual será aprofundada ao longo da dissertação de mestrado.

Ao analisar o romance em questão, é possível depreender que antes da ditadura militar, Gabeira vivia uma vida mais planejada e “normal”; ele trabalhava em dois empregos e sobrevivia. Sem grandes percalços. Sua vida seguia, no geral, a lógica do *exercício*, nada de muito conflito acontecia.

Em 64 eu tinha dois empregos. Um era no Jornal do Brasil, outro no Panfleto, semanário da ala esquerda do PTB que, mais tarde, depois do golpe, iria sobreviver de forma autônoma como Movimento Nacionalista Revolucionário, mnr. No jb, trabalhava como redator, no Panfleto, como subsecretário de oficinas. Os dois empregos tinham uma importante função para mim. *Num trabalhava* de acordo com *minhas ideias* e, no outro, trabalhava para *ganhar dinheiro*. Isso é ótimo para um depoimento retocado (Gabeira, 1996, p. 3, grifo nosso).

No entanto, após o golpe, a ditadura é instaurada e a vida não é mais a mesma, pois a ditadura militar de 1964 é vivida como *acontecimento* na vida de Fernando Gabeira, foi algo de pouco entendimento, a princípio, ele mesmo achou “um barato” não ter aula naquele dia. Até que muitas pessoas começaram a ser presas, perderem o emprego, uma confusão de fatos, que ele não compreendia bem inicialmente. A velocidade com que o objeto entra no *campo de presença* é rápida, fazendo com que a extensidade diminua e o sujeito não consiga entender em um primeiro momento o que está acontecendo.

O amigo(a) talvez fosse muito jovem em 64. Eu mesmo achei a morte do Getúlio um barato só porque nos deram um dia livre na escola. Um golpe de Estado, entretanto, mexe com a vida de milhares de pessoas. Gente sendo presa, gente fugindo, gente perdendo o emprego, gente aparecendo para ajudar, novas amizades, ressentimentos (Gabeira, 1996, p. 7).

No narrado, compreendemos que o que ocorreu após golpe não veio de forma planejada para o sujeito, modificando sua vida por completo: “Um golpe de Estado, entretanto, mexe com a vida de milhares de pessoas”. Por ser algo que vem como *inesperado*, tem o poder de alterar o *campo de presença* do sujeito. Trata-se de um *acontecimento* marcado por alta intensidade histórica, mas ainda de incidência limitada no plano da vivência cotidiana, explicando a percepção inicial difusa e, por vezes, ambígua do novo regime.

A opressão, contudo, não se apresenta como um dado imediato, mas se constrói progressivamente ao longo da narrativa, configurando-se como um percurso tensivo de intensificação contínua. À medida que o regime militar se consolida, ampliam-se tanto a

intensidade quanto a *extensidade* da repressão, que passa a incidir diretamente sobre os corpos, impondo a *clandestinidade*, o *medo* e a *violência* como elementos estruturantes da experiência narrada.

Nesse contexto, observam-se as noções de poder sendo exercidas, essas relações de poder se articulam intrinsecamente às práticas de resistência. Para Foucault (1988), tais práticas podem ser compreendidas como ações de enfrentamento aos dispositivos de coerção que buscam regular a vida social. Segundo Lima e Fulaneti (2023), a noção de resistência, na semiótica de Fontanille (2015) e Greimas (2017), não se reduz à execução de um programa narrativo orientado por um objeto-valor, mas implica a emergência de um sujeito do discurso que se afirma por meio de um ato declarativo. Esse ato não constitui apenas um gesto enunciativo, mas uma tomada de posição que participa ativamente da constituição de uma subjetividade resistente.

A resistência, assim, manifesta-se como negação e ruptura, instaurando um ato polêmico que exige visibilidade e argumentação. Do ponto de vista da semiótica tensiva, ela se inscreve no regime da concessão, caracterizado pela ruptura com a lógica implicativa e pela produção do inesperado. De acordo com essa lógica, o aumento da repressão deveria conduzir ao silenciamento e à submissão; no entanto, ao resistirem e recusarem as ordens impostas pelos militares, os sujeitos instauram o regime da concessão, quebrando essa expectativa previsível e fazendo o contrário do que é imposto. Desse modo, mesmo diante do agravamento da violência, os militantes seguem resistindo, afirmando uma postura que contraria a lógica do poder e reconfigura o sentido da experiência histórica. Nesse quadro, tanto Gabeira quanto os guerrilheiros se posicionam de forma contrária à ditadura e às medidas adotadas pelo regime militar, configurando-se como sujeitos resistentes. A partir disso, possibilita-se distinguir diferentes tipos de eventos tônicos que adentram o *campo de presença* de Gabeira. O primeiro deles corresponde à instauração da ditadura e às formas iniciais de oposição e resistência do ator ao regime. Em seguida, observa-se a intensificação progressiva da violência, particularmente por meio da prática da tortura. Contudo, algo que é de fato marcado como *acontecimento* na obra é a morte do estudante Edson Luís, episódio que irrompe abruptamente o *campo de presença* do sujeito e provoca forte abalo entre aqueles que se opõem ao movimento ditatorial, configurando-se como um evento de alta tonicidade e impacto sensível.

O tiro que matou Edson disparou também um processo que a própria direção do movimento não conseguiria controlar. Primeiro foi o choque, o grito de ódio. Em seguida foi o corre-corre, o vaivém, o zunzum, sem que se soubesse exatamente o que fazer. A ideia de levar o corpo para a Câmara dos Vereadores, na Cinelândia, foi muito importante. Com o corpo nas mãos, ninguém poderia negar aquela morte, enquanto a notícia ia correndo pela cidade,

mobilizando as pessoas. De todo lado começava a chegar gente. Lembro-me de outras medidas importantes. Uma delas foi a criação de uma comissão para organizar a passeata do enterro e tomar outras providências. Essa comissão foi criada um pouco espontaneamente, com as pessoas que iam subindo para o primeiro andar. O advogado Marcello Alencar era uma delas. Lembro-me de cruzar com ele nas escadarias e ter ouvido dizer: estamos formando uma comissão lá em cima, onde é que você anda? (Gabeira, 1996, p. 34).

Nesse fragmento, observa-se uma redução da *extensidade* da experiência narrada, uma vez que os sujeitos envolvidos demonstram dificuldade em compreender plenamente o que está ocorrendo. Do ponto de vista do andamento, o trecho não se caracteriza pela aceleração extrema típica do *acontecimento*, mas por uma vivência marcada pela desorientação e pela suspensão da inteligibilidade. Em contrapartida, no que se refere à tonicidade, trata-se de um momento claramente tônico, como se evidencia na sequência: “Primeiro foi o choque, o grito de ódio. Em seguida foi o corre-corre, o vaivém, o zunzum, sem que se soubesse exatamente o que fazer”.

As elevações de intensidade reaparecem em diversos momentos da obra, especialmente quando Gabeira relata os episódios de tortura aos quais ele e seus companheiros são submetidos: “Era horrível ficar ali, ouvindo diariamente os gritos de tortura, vendo passar a cada instante os torturadores, ou mesmo os prisioneiros que ainda estavam nas solitárias” (Gabeira, 1996, p. 96). Nesses trechos, embora o grau de *intensidade* afetiva seja elevado, o narrador não se encontra totalmente arrebatado nem vivencia uma oclusão do tempo e do espaço. Por essa razão, tais experiências, apesar de extremamente tônicas, não se configuram como *acontecimentos*, mas como momentos de intensificação inseridos em um regime de continuidade, nos quais o sujeito mantém certa capacidade de apreensão e elaboração do vivido.

Após adentrar uma organização de orientação leninista — a Dissidência Comunista, “uma cisão do PC brasileiro” (Gabeira, 1996, p. 29) —, observa-se que Gabeira passa a ser guiado pelo planejamento e pela racionalização da ação. Nesse momento, sua experiência é regida pela ordem do exercício: a tonicidade diminui e a extensidade se alonga, permitindo ao sujeito maior clareza cognitiva e capacidade de antecipação. É nesse regime que se torna possível conceber e planejar o sequestro do embaixador norte-americano como estratégia para a libertação de presos políticos.

Nessa perspectiva, a ação do grupo militante é orientada pela inteligibilidade e se organiza segundo uma lógica manipuladora do tipo *fazer-fazer*. Ao sequestrar o embaixador, os militantes buscam instaurar uma relação contratual com o regime, na qual a libertação dos prisioneiros funciona como condição para a preservação da vida do refém. A aceitação desse contrato pelo Estado torna-se, assim, obrigatória, sob pena de uma sanção negativa extrema —

a morte do embaixador —, o que evidencia o caráter estratégico e programado da ação, típico do regime do *exercício*.

O sábado amanhecera muito bem. O governo tinha aceitado nossas exigências e conversávamos durante o café da manhã. Elbrick deveria escrever outro bilhete e eu sairia dentro em pouco. Falávamos animadamente sobre a história. Um dos amigos disse: "É possível que a gente entre na história com esta ação." "É possível", respondia eu. "Tomara que você não caia agora, nessas últimas saídas." "Tomara", dizia eu. "Estou perturbado com essa ideia de passar à história e, além do mais, se cair creio que vocês aumentariam, automaticamente, a lista para dezesseis nomes." (Gabeira, 1996, p. 57).

Os militantes conseguem libertar os presos políticos; contudo, o desfecho da ação não corresponde às expectativas inicialmente projetadas. É nesse momento que tanto Gabeira quanto o grupo de esquerda são tomados por um novo *acontecimento*: muitos companheiros são mortos, outros são presos, e apenas alguns conseguem escapar, que é o caso de Gabeira, que foge.

Os participantes da ação se dispersaram a partir da noite de domingo. Dois morreram: Toledo, sob torturas em São Paulo; Jonas, o comandante militar da ação, massacrado a pontapés pela equipe do capitão Albernaz, na Operação Bandeirantes. Alguns foram presos e liberados, depois de cumprirem a pena, outros foram liberados, por sequestro, e vivem em lugares diferentes, no exílio. Alguns fugiram, e finalmente, um de nós enlouqueceu e perambula pelas ruas de Paris, de barba e cabelo grande. Sobrevivi. E pensei que talvez fosse interessante contar a história (Gabeira, 1996, p. 62).

Gabeira passa, então, a viver na clandestinidade para escapar à prisão. Na sequência narrativa, torna-se ainda mais evidente que ele não estava preparado para a experiência que se impõe. Trata-se de algo não programado, que não se inscreve na ordem do *exercício*, mas na do acontecimento, marcado pelo imprevisível.

Ao longo dos dez anos em que permanece na clandestinidade, o ator do narrado desloca-se por diferentes casas e cidades. Gabeira deixa o Rio de Janeiro e se transfere para São Paulo, onde a situação se mostra ainda mais crítica. A narrativa acompanha a realidade dos operários sob o regime militar, evidenciando o intenso fluxo de imigrantes nordestinos que chegam à metrópole e passam a viver em condições precárias. Esses trabalhadores ocupam uma posição marginal na sociedade, marcada pela exclusão e pela ausência de direitos básicos.

Um novo ponto de inflexão ocorre com a prisão de Fernando Gabeira, após a polícia descobrir o local em que ele e outros companheiros se escondiam. Na tentativa de fuga, ele é cercado pelas forças policiais e acaba sendo baleado. Os fatos seguintes inauguram o episódio da tortura, que se apresenta, nesse momento da narrativa, como um modo de sanção empregado pelos militares, intensificando a percepção do ator do narrado. Essa opressão manifesta-se de múltiplas formas, entre elas a prisão arbitrária, desprovida de qualquer critério jurídico. Diversas pessoas são presas e torturadas unicamente por se oporem ao

Segundo Barros (2018), a tortura sobrevém ao sujeito torturado na medida em que suas competências enquanto sujeito são anuladas. Trata-se de uma experiência extrema, pois não há um limite final: o que é grave pode sempre se intensificar. A tortura rompe com a normalidade e com o campo do imaginável, ultrapassando qualquer planejamento prévio. Não é possível prever como reagir ou o que fazer, uma vez que ela irrompe no campo de presença do sujeito de forma abrupta, altamente acelerada e tônica, privando-o da possibilidade de submeter a experiência à inteligibilidade da linguagem, ao entendimento.

Comecei a correr, mas fui bloqueado pelo carro que, depois de dar a volta, com muito mais velocidade que eu, conseguiu me cercar. O chefe da operação apontava o revólver para mim e dizia: "Não se mova, filho da puta". Ele estava muito nervoso. Os outros que me cercaram, lentamente, pareciam um pouco mais calmos. A impressão que tenho era a de que previam um longo tiroteio ou, então, de que alguns realmente tinham medo. E por que não? Nada garantia que, do meio do mato, de cima dos barrancos, não havia uma emboscada preparada para eles; que eu não tivesse uma granada dentro da camisa; enfim um dos muitos perigos que acontecem nesse tipo de operação. O chefe, entretanto, estava mais que nervoso, estava transtornado. Não sei como conseguiria controlar a situação, um tiroteio prolongado (Gabeira, 1996, p. 76).

No excerto analisado, o novo acontecimento configura-se como uma ruptura abrupta e intensa na trajetória de Gabeira. À luz da gramática tensiva (Zilberberg, 2007), esse momento pode ser compreendido como a experiência do acelerado, isto é, um evento que rompe a linearidade do relato ao concentrar elevada carga de tonicidade e de transformação. O *acontecimento* não se restringe ao dado objetivo da prisão, mas engloba todo o seu impacto sensível: a tentativa de fuga, o cerco policial e o disparo, elementos que irrompem no *campo de presença* de Gabeira, ator do narrado, deslocando-o de sua posição anterior. Trata-se de um instante em que o sujeito é integralmente capturado pela situação, com sua capacidade de ação severamente limitada; a *extensidade* se reduz e a percepção concentra-se no presente imediato da experiência, intensificando o caráter tônico do episódio.

Considerações finais

A análise de *O que é isso, companheiro?* (1996), à luz da teoria tensiva, possibilita compreender de que modo os acontecimentos narrados por Gabeira extrapolam o plano meramente factual e adquirem densidade afetiva e sensorial. Trata-se de episódios marcados por elevada tonicidade e pela ruptura da linearidade narrativa, que evidenciam como o sujeito é afetado, deslocado e, em muitos casos, paralisado diante da experiência do presente — o que, no âmbito da teoria tensiva, pode ser designado como *acontecimento*, aquilo que captura o

sujeito no tempo e espaço. Ao abordar a repressão e a violência de Estado, a narrativa não se limita à denúncia dos horrores vividos, mas explicita também os efeitos subjetivos e éticos que essas experiências inscrevem no corpo e na memória do narrador. Evidencia-se, ainda, a distinção entre as posições de torturador e torturado: enquanto este é submetido ao regime do *acontecimento*, caracterizado por alta intensidade e baixa extensidade, aquele atua sob o regime do exercício, orientado pela inteligibilidade, no qual as ações são previamente concebidas e sistematicamente planejadas.

Ou seja, enquanto o torturador planeja todos os seus passos e ações previamente, o torturado é sempre surpreendido pelo inesperado.

Referências

BARROS, Mariana Luz Pessoa de. *Os sentidos da tortura: uma análise semiótica das eleições presidenciais de 2018*. Discurso e Sociedade. v. 13, n. 3, p. 495-514. 2019.

CASTRO, Ana Caroline Silva de. *Apreensão de livros tidos como subversivos: o que os processos judiciais da Ditadura Militar revelam*. 2017. Tese (Doutorado em Teoria e Pesquisa em Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/T.27.2017.tde-23052017-152147>>. Acesso em: 1 ago. 2025.

GABEIRA, Fernando Paulo Nagle. *O que é isso companheiro?*. São Paulo. Estação brasileira. 1996.

FONTANILLE, Jacques; ZILBERBERG, Claude. *Tensão e significação*. Tradução de Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Bevidas. São Paulo: Discurso Editorial/Humanitas, 2001.

TATIT, Luiz. *Semiótica à luz de Guimarães Rosa*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2010.

ZILBERBERG, Claude. *Elementos de semiótica tensiva*. Tradução de Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Bevidas. São Paulo: Ateliê, 201.

ZILBERBERG, Claude. *Louvando o acontecimento*. Tradução de Maria Lucia Vissotto Paiva Diniz. Revista Galáxia, São Paulo, n. 13, p. 13-28, 2007.